

# “O fogo do teu amor”: orações e meditações de um monge alcobacense em Quatrocentos

S A U L A N T Ó N I O G O M E S

Universidade de Coimbra; Colaborador do CEHR

**Resumo:** Neste artigo, apresenta-se brevemente, e edita-se parcialmente, um conjunto de orações e meditações espirituais de um monge alcobacense, patente no manuscrito da BNP – Alc. CCLXXIV/212 fls. 252-282, datáveis paleograficamente de meados do século XV. Estas meditações místicas, ainda que de autor anónimo, constituem um raro e relevante testemunho do nível de vida e sentimento religiosos correntes no seio da mais importante comunidade cisterciense portuguesa que atravessou, nesse tempo, um importante, posto que mal conhecido, período de renovação cultural e intelectual.

**Palavras-chave:** mosteiro de Alcobaça, oração, espiritualidade cisterciense.

**Abstract:** This paper briefly presents and partially edits a set of prayers and spiritual meditations of a monk from the monastery of Alcobaça, preserved in the manuscript of the BNP - Alc. CCLXXIV/212 fls. 252-282, datable to the mid-fifteenth century. These mystical meditations, although anonymous, are a rare and important testimony of the standard of religious living and feeling within the most important Cistercian Portuguese community, which has at the time, gone through an important, but hardly known, period of cultural and intellectual renewal.

**Keywords:** Monastery of Alcobaça, prayer, cistercian spirituality.

1 – O Mosteiro de Alcobaça foi, não sem contradições, é certo, um efectivo centro de vida espiritual. A matriz monástica cisterciense é *in radice* institucionalmente disciplinada e espiritualmente muito ascética e hagiográfica. Que as coisas temporais do passado alcobacense deslumbrem pelo seu peso e riqueza, compreende-se perfeitamente, como não menos relevante, mas nem sempre devidamente enaltecida, contudo, é a herança imaterial legada pelas sucessivas gerações de monges que habitaram aquele espaço.

Os monges da Alcobaça de 1152-1153, ou seja, dos momentos fundacionais, pouco se identificariam, decerto, com a maneira de pensar e de estar dos que lhes sucederam no hábito por finais de Quatrocentos ou nos séculos seguintes. As práticas da vida monástica eram elas próprias dinâmicas, mudando com o tempo e os homens que se renovavam nos claustros, mas os fundamentos espirituais e doutrinários que as orientavam, esses permaneceram estáveis, no tempo secular que importa à abadia estremenha que nos ocupa.

A espiritualidade beneditino-cisterciense foi suficientemente carismática para conseguir manter a Ordem desde o seu aparecimento até aos nossos tempos. E nem a continuada ausência em Portugal dos monges brancos, egressos em 1834 das antigas abadias bernardas, derroga o reconhecimento da extraordinária vitalidade que se pressente no modelo espiritual apurado nas fileiras dos continuadores dos irmãos de hábito de Roberto de Molesme ou de Estêvão Harding.

E se, hoje em dia, contemplamos na monumentalidade arquitectónica e no legado artístico-religioso o ideário de beleza, traduzido na luz e no despojamento austero do superficial, uma herança mais que material, isso é o testemunho que nos interpela de uma projecção idealizada, nesses distantes séculos, de uma espiritualidade proposta como património e legado à humanidade.

O estudo da espiritualidade cisterciense, no contexto historiográfico português actual, carece ainda de trabalhos aprofundados. Se bem que, neste campo, os historiadores da cultura, da literatura e da própria espiritualidade, com relevo merecido para o Pe. Mário Martins<sup>1</sup>, tenham desenvolvido esforços notáveis<sup>2</sup>. Pela literatura, tantas vezes, entramos no universo escondido do “desejo de Deus e do amor às letras”, inspirada epígrafe com que D. Jean Leclercq intitulou uma das suas mais lidas e reconhecidas obras que interessam ao assunto da espiritualidade monástica, em geral, e da cisterciense, mais particularmente<sup>3</sup>.

1 Toda a sua obra é incontornável nesta matéria. Permita-se-nos evidenciarmos, pelo espaço mais estritamente dedicado à literatura em contexto monástico medievo-português, o seu livro *Estudos de Literatura Medieval*. Braga: Livraria Cruz, 1956, na qual os textos alcobacenses, aliás, posto que não apenas estes, são visitados apaixonadamente.

2 Veja-se, por exemplo, o texto de Maria de Lurdes BELCHIOR e José Adriano de CARVALHO, “Génese e linhas de rumo da espiritualidade portuguesa”. In *Antologia de Espirituais Portugueses*. Lisboa: INCM, 1994, p. 11-23; Aida Fernanda DIAS, *História Crítica da Literatura Portuguesa*. I. Idade Média. Lisboa: Ed. Verbo, 1998; Elsa Maria Branco SILVA (Ed.), *Castelo Perigoso*. Lisboa: Ed. Colibri, 2001, p. 45-72.

3 D. Jean LECLERCQ, *L'amour des lettres et le désir de Dieu. Initiation aus auteurs monastiques du Moyen Âge*. Paris: Cerf, 3ª edição, 1990; Elsa M. Branco SILVA, *A fortuna da 'Vita Christi' no Medievo em Portugal: pensar a espiritualidade à luz da tradução*. Coimbra: Alma Azul, 2008.

No Códice CCLXXIV/212 dos manuscritos alcobacenses, da Biblioteca Nacional de Portugal, a folhas 252 a 282, aparece um conjunto de orações e de meditações, em português, de denso e complexo teor espiritual e teológico. Desconhecemos o autor destas meditações sob a forma de oração, mas cremos dever aceitar o pressuposto de estarmos perante um texto produzido por um dos monges professores de Alcobça em meados do século XV.

Da datação que propomos para este manuscrito daremos nota, de seguida, importando, aqui, sublinhar a relevância deste tipo de fontes, com carácter literário e de bom recorte estilístico, para o conhecimento dos horizontes espirituais que caracterizavam o sentimento religioso desta comunidade cisterciense de Alcobça. Se, pela sua postura de oração piedosa, este texto representa uma peça catequética e de orientação doutrinária em matéria de Fé, já pela sua adesão a um modelo de textualidade mais reflexiva, meditada, entramos no domínio da composição e produção de uma literatura de edificação que tem, neste texto, um evidente recurso didáctico<sup>4</sup> para todos os monges que procurassem, na vida claustral de ascese e de oração daquela abadia, estímulos para o fortalecimento da sua experiência contemplativa do divino e dos seus mistérios.

A contemplação dos mistérios de Deus foi sempre um dos objectivos mais sagrados do monge cisterciense. Atingir essa capacidade de ouvir e contemplar o sagrado pressupunha uma adesão sem limites e uma prática oracional quase permanente no dia-a-dia do religioso professo. O monge é peregrino e estrangeiro na sua vida terrena e no claustro a que se recolheu. Pela continua ascese, deve libertar-se de todas as coisas mundanas, atentar permanentemente na hora da sua morte e no encontro que ela lhe proporcionará com o Além.

Dos altos ideais da perfeição monástica, prosseguidos entre os monges alcobacenses, dá testemunho toda a panóplia de livros espirituais que se acumularam na sua biblioteca medieval. Textos hagiográficos exemplares, obras de S. Gregório, de Cassiano e de S. João Clímaco, o “Tratado das Meditações e Pensamentos”, de Pseudo-Bernardo, e livros como a “Vida de S. Bernardo” e o “Espelho de Monges”, entre outros autores e títulos traduzidos para português nesse claustro nos finais dos tempos medievais, permitem conhecer as fontes de inspiração da vida espiritual desses religiosos<sup>5</sup>.

As 38 “Orações e meditações” coligidas no códice Alc. 212, fólhos 252 a 282, perfilam-se nessa linha. Para a sua composição, o seu anónimo autor inspirou-se nos textos sagrados bíblicos, como ainda na patrística mais clássica e apreciada entre as fileiras monacais do tempo. Mas estes textos, de um densíssimo sentimento piedoso, compostos pelo exercício criativo literário, em que se usa e até abusa das mais impres-

4 Uma como que didáctica da salvação, como se lhe refere Paulo Alexandre PEREIRA, “Uma didáctica da salvação: o *exemplum* no Horto do Esposo”. In *HORTO do Esposo*. Edição crítica de Irene Freire Nunes, cit., pp. LIII-LXXVI.

5 Vd. Mário Martins, *Estudos de Literatura Medieval Portuguesa*, cit. P. 257-284.

sivas imagens e comparações, opondo a realidade do mundo e do homem pecador à extrema perfeição salvífica de Deus e de Cristo, estes textos, dizia, dão nota de um modelo de prática religiosa muito próprio da *devotio moderna*, não em ambiente laico, mas no interior de um selecto mundo claustral.

A oração do monge é extrema e dramática, tecendo um diálogo aberto e forte entre ele próprio ou a sua alma e o Deus humanado, temporalmente conhecedor da morte, mas salvífico e cordeiro imaculado que tirou os pecados do mundo, remindo toda a Humanidade. Um diálogo que assenta no discurso directo, na imprecação e na interpelação de Deus, reiteradamente adjectivado e hiper-adjectivado, o qual se procura predominantemente na definição antitética do que não é.

A sugestão, que se recolhe nalgumas meditações que aqui abordamos, do amor de Deus como um fogo abrasivo, dirigido ao coração do homem, não deixa de nos lembrar a evolução dos carismas de santidade que atingem, sobretudo no século XV e com o *exemplum* de S. Bernardino de Sena, um expoente significativo. O texto do monge alcobacense não se posiciona apenas como compilação de tradições teológicas e catequéticas ou espirituais tradicionais, mas abre-se à expressão dos novos ventos e dos afectos espirituais do monaquismo europeu ocidental do Medievo tardio que Portugal não desconhecia.

2 – Os fólhos por onde se espraíam as orações e meditações apresentam-se escritos a uma só coluna. Com excepção da primeira oração, em que a capital maiúscula “O” foi desenhada com simplicidade, todas as demais caixas reservadas a tais letras permanecem por preencher. Paleograficamente, a escrita é uma gótica mais cursiva do que librária, de tendência redonda, com muita familiaridade com a mão que copiou o texto antecedente do códice, justamente o “*Livro que se chama Orto do Esposo*”.

Não deve ter sido, de facto a mesma mão a copiar os dois textos. A opção de empaginação codicológica do primeiro texto privilegiou duas colunas por página, enquanto a do copista das Meditações e orações escreveu a toda a página. Mas este lançamento do texto, por si, não seria suficiente para dirimir o problema de estarmos perante um único ou mais copistas. A observação paleográfica revela-se mais pormenorizada e pertinente ao caso.

Se bem que a morfologia do abecedário, em ambos os textos, seja comum nalgumas letras, como se observa em maiúsculas como os “EE”, e haja coincidência de soluções quanto ao sistema de abreviação, no desenho dos consoantes duplas e das modificações literais, a verdade é que isso corresponde mais a uma escola gráfica alcobacense, não anulando todavia algumas identidades práticas dos copistas que serviam o *scriptorium* local. Uma escola gráfica gótica librária mas em que predominam os modelos cursivantes, posto que arredondados, mais adequados a documentação de chancelarias ou por estas inspirados, numa escrita miúda, muito contracta, e onde

se evidencia uma evidente interpretação gramatical do texto, separando-se as palavras umas das outras e recorrendo-se a abundante pontuação gráfica.

São caracteres muito específicos e distintivos da mão que lançou as Meditações e orações os seus “ee” minúsculos, os “gg”, com as pernas acentuadamente viradas para cima, ou os “hh” longilíneos e caudatos, pormenores de morfologia gráfica que distinguem esta mão da do copista do Orto do Esposo.

Os autores do *Inventário dos Códices Alcobacenses*, decerto orientados pela perspectiva paleográfica, propuseram os finais do século XV como data de realização do manuscrito<sup>6</sup>. Não se renovou suficiente e criticamente esta hipótese de datação, aliás, na mais recente edição do *Horto do Esposo*, na qual se expõem propostas de datação deste manuscrito situadas desde entre finais do século XIV e inícios do XV até à referida datação de fins do século XV<sup>7</sup>.

Mas a tipologia gráfica gótica exposta, a dessa letra gótica cursiva arredondada, encontra-se em Alcobça já no segundo terço de Quatrocentos. Vemo-la, num estágio já amadurecido, por exemplo, no *Livro de contas do Mosteiro*, de 1438-1439<sup>8</sup>, se bem que neste scriptorium cisterciense predomine, ainda na década de 1440, a grafia gótica librária redonda<sup>9</sup>. E ainda que diferente, no pormenor mais arredondado da letra gótica, o grafismo gótico alcobaciano de quatrocentos corresponde muito bem ao que se encontra na documentação da chancelaria real das décadas de 1430 para cima, uma gótica cortesã também cursivante, posto que, nos seus melhores exemplos, preferindo letras acentuadamente mais angulosas do que entre os escribas da abadia cisterciense<sup>10</sup>.

Com base nesta interpretação, cremos que uma datação mais próxima do segundo ou do terceiro terços do século XV, para o tempo da realização deste manuscrito, será mais pertinente. Até porque, sobretudo após 1470, as góticas cursivas, librárias e comuns, em Portugal, adquirem morfologias bem mais processadas, sem prejuízo de, no

6 *Inventário dos Códices Alcobacenses*. Tomo III. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1932, p. 175-176.

7 *HORTO do Esposo*. Edição crítica de Irene Freire NUNES. Coordenação de Helder GODINHO. Estudos introdutórios de Ana Paiva MORAIS e Paulo Alexandre PEREIRA. Com a colaboração de Margarida Santos ALPALHÃO, Paulo Alexandre PEREIRA e Joaquim SEGURA. Lisboa. Edições Colibri, 2007. [Na página LXXIX, “Apresentação de Testemunhos”, recolhe-se a indicação do manuscrito de *O Horto do Esposo*, do Alcobacense 212, datar do final do séc. XV, segundo o citado Inventário dos Códices Alcobacenses, ou “1481-1500”, segundo BITAGAP Manid. 1115. Mas na página LXXXI, expõe-se uma outra datação para o mesmo manuscrito e texto: “No ms. B, de papel, Alc. 212, o *Horto do Esposo* é datado de fins do séc. XIV e começos do séc. XV, Ocupa os fls. 81a – 251b, precedido do Estabelecimento dos Mosteiros de Cassiano (fls. 1r-80v; sem colofon), tradução portuguesa de *De Institutis Coenobiorum* sendo Hermenegildo de Tancos, da Ordem, de Cister, mencionado como autor/escriva (?), e seguido de um anónimo que contém 38 preces e meditações dirigidas a Deus, a Cristo e à Virgem Maria (fls. 252-282).”].

8 TT — Mosteiro de Alcobça, Livro 14, v. g. fl. 304. Reproduzido em João Alves DIAS, A. H. de Oliveira MARQUES e Teresa F. RODRIGUES, *Álbum de Paleografia*. Lisboa: Estampa, 1987, Doc. 36, p. 68-69.

9 Eduardo NUNES apresenta no seu *Álbum de Paleografia Portuguesa* (Lisboa; Instituto de Alta Cultura, 1969, Docs. 48 a 50) exemplos desta escrita gótica librária redonda, para a década de 1440, exemplificativas do *scriptorium* alcobacense.

10 Veja-se, por exemplo, as reproduções de letras coevas em João Alves DIAS *et alii*, *Op. cit.*, Docs. 37 a 41 e 48, das décadas de 1440 a 1470. E também em Avelino de Jesus da COSTA, *Álbum de Paleografia e Diplomática Portuguesas*. Estampas. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 6ª edição, 1997, Docs. 118, 120, 124 a 126 (décadas de 1440-1460) e, ainda, no exemplo de gótica cursiva reproduzido por Eduardo NUNES, *Op. cit.*, Doc. 45 (1437).

*scriptorium* régio, se assistir a uma evolução para a gótica redonda ou gótica-humanística que dominará o ciclo da Leitura Nova do reinado de D. Manuel I.

Há que anotar que o Códice Alcobacense CCLXXIV/212, da Biblioteca Nacional de Portugal, congrega textos de diferentes autores, traduzidos ou copiados por mãos de escribas diferenciados, se bem que paleograficamente próximos. Na composição deste manuscrito, todavia, transparece a pertinência da disponibilização de textos fundamentais ao decurso espiritualmente esclarecido da vida claustral dos monges alcobacenses.

A renovação a que se assiste nos domínios cultural e intelectual no seio da comunidade cisterciense de Alcobça, pressentida claramente já no governo de D. João de Dornelas<sup>11</sup>, seria continuada e aprofundada, sobretudo, durante os governos abaciais do italianizado D. Estêvão de Aguiar (1431-1446) e do seu sucessor D. Gonçalo Ferreira (1446-1459). Durante esta última prelatura, aliás, assistiu-se à (re)fundação ou renovação, na velha abadia, de um *studium* para formação dos monges da Ordem em Portugal, em 1458 e, no ano seguinte, à avocação do Mosteiro como centro provincial autónomo dos institutos de Cister em território nacional, conforme o reconheceu o papa Pio II, a pedido do rei D. Afonso V, pela bula *Constitutus in specula*, promulgada justamente em Mântua, a 14 de Outubro do referido ano de 1459<sup>12</sup>.

A *renovatio studiorum* do claustro alcobacense produzirá os seus frutos, recuperando e actualizando as respeitáveis e austeras tradições espirituais e culturais deste claustro cisterciense cujo *scriptorium* e *cancellaria* floresciam desde há muito<sup>13</sup>. Foi nesse contexto, por exemplo, que se formaram monges da craveira intelectual de um Fr. João Claro, o mais insigne de todos quantos professaram nesta abadia na segunda

11 Seja-me permitido remeter, para uma elucidação informada deste abade e do seu governo à frente de Alcobça, para o meu estudo "D. João Eanes de Dornelas, abade de Alcobça (1381-1414)". In *Olhares sobre a História. Estudos Oferecidos a Iria Gonçalves*. Lisboa: Ed. Caleidescópio, p. 253-278.

12 Fr. Manoel dos SANTOS, *Alcobça Ilustrada*. Coimbra, 1714, p. 280-285; Fortunato de S. BOAVENTURA, *Historia Chronologica e Critica da Real Abadia de Alcobça*. Lisboa, 1827, p. 42 da segunda parte.

13 Cf. Mário MARTINS, "Copistas de Códices Alcobacenses", *Brotéria*, LXVI (Lisboa, 1958), 412-423; Aires A. NASCIMENTO "Para a pronúncia do latim. Um texto gramatical dos códices alcobacenses. B. N. L. Alcob. CCCXCIV/426, f. 258v<sup>o</sup>", *Classica. Boletim de Pedagogia e Cultura*, Lisboa, 1977, pp. 51-56; IDEM, *Os códices alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa e seu significado cultural*, Lisboa, 1979; IDEM, "Em busca de códices alcobacenses perdidos", *Didaskalia*, 9, 1979, pp. 279-288; IDEM, "A experiência do livro no primitivo meio alcobacense" e "Livro e leituras em ambiente alcobacense". In *IX Centenário do Nascimento de S. Bernardo. Encontros de Alcobça e Simpósio de Lisboa. Actas*, Braga, Universidade Católica Portuguesa e Câmara Municipal de Alcobça, 1991, pp. 122-146 e 147-165 respectivamente; IDEM e A. DIOGO, *Encadernação Portuguesa Medieval: Alcobça*, Lisboa, 1984; António Joaquim Ribeiro GUERRA, *Os Escribas dos Documentos Particulares do Mosteiro de Santa Maria de Alcobça. 1155-1200. Exercícios de Análise de Grafias* (Dissertação de Mestrado, policopiada) (Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1988); S. A. GOMES, "Um formulário monástico português medieval: o manuscrito alcobacense 47 da BNL", *Hvmanitas*, Vol. LI (Coimbra, 1999) 141-184 [repblicado em *Estudos de Diplomática Portuguesa*. Lisboa: Colibri e Faculdade de Letras de Coimbra, 2000, p.191-232]; IDEM, "Observações sobre dois formulários eclesiásticos medievais portugueses", *Hvmanitas*, Vol. LIII (Coimbra, 2001), p. 249-274; IDEM, "'Donationes cvstodiantvr: donationes serventvr' Da memória e praxis arquivística do Mosteiro de Santa Maria de Alcobça em tempos medievais", *Humanitas*, 57 (2005), Coimbra, p. 245-269; IDEM, *Imago & Auctoritas. Selos Medievais da Chancelaria do Mosteiro de Alcobça*, Coimbra, CHSC e Palimage, 2008.

metade de Quatrocentos<sup>14</sup>, como é neste horizonte que teremos de contextualizar o esforço de criação e (re)produção de uma literatura moral e teológica adequada às necessidades espirituais desses monges em contexto de florescimento das elites intelectuais portuguesas do tempo.

Elites de excepção, claro está, num Portugal marcado pela exemplaridade intelectual da casa real, da sua “íclita geração” — posto que não apenas no seio da corte régia — cujos anos de ouro se situam sobretudo entre as décadas de 1420 e 1460<sup>15</sup>.

A leitura de alguns excertos das “Orações e meditações”, que aqui deixamos ao leitor, permitirá aquilatar tanto da qualidade literária do texto espiritual, produzido em ambiente alcobacense, quanto demonstrar a operacionalidade dos modelos mais apurados dos exercícios ou das “práticas” oracionais e de formação espiritual do monge prosseguidas num claustro, também ele de excepção e de elite, do *Quattrocento* português.

**[C. 1430-1470] – Orações e meditações de um monge de Alcobça.**

Biblioteca Nacional de Portugal – Cod. Alcobacenses, CCLXXIV/212, fls. 252-281.

[Publicamos os textos compreendidos entre os fólhos 252 e 263].<sup>16</sup>

[1] Oo senhor Deus meu da ao meu coração que te deseja e desejando-te busque e buscando que te ache e achando-te ame e amando-te os meus malles sejam perdoados e aos perdoados nom torne. Da senhor ao meu coração contriçom de'spiritu e fonte de lagrimas <aos meus olhos> e lagrimas de esmolla aas minhas mãaos. O meu rey apaga em mym os desejos da carne e ascende em mym o fogo do teu amor. Oo remiidor meu lança de mym ho spiritu da soberva. Oo misericordioso outorga-me o thesouro da tua humildade. Oo sallvador meu quita de mym a sanha da yra. Oo benigno outorga-me manssidõe de paciencia. Criador meu arranca de mym o rancor do coração e da-me dollcidõe da voontade. E a mym piadoso padre da-me firme fe e asperança convinhavell e caridade continua. Criador meu arreda de mym a vaydade da voontade, a fraqueza do coração, o deserviço sem proll do entindimento, ho muito fallar da boca, ho levantamento dos olhos, ho enchimento do ventre, ho doesto dos proximos, os pecados das murmurações, ho proydo e oo grande desejo das cousas sem proll, a cobiça das riquezas, ho esbulho por poderios, ho apetito da vã gloria, o pecado da ypocrisia, ho vermem das louvaminhas, ho despreçamento dos mynguados, ho subrigamento dos fracos, ho ardor da avareza, a ferrugem da emveja. E a morte da blasffemia.

14 Veja-se o que, a propósito, deixamos escrito em “D. João II e o Mosteiro de Alcobça”. In *Actas do Colóquio “O Tempo Histórico de D. João II — Nos 550 anos do seu nascimento”*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2005, pp. 201-254.

15 Vd. A. H. de Oliveira MARQUES, “Introdução”. In *A Literatura Doutrinária na Corte de Avis*. (Coord. Lênia Márcia Mongelli), São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. XI-XXVI. IDEM, *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*. Vol. IV de *Nova História de Portugal* (Dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques). Lisboa: Editorial Presença, 1987, p. 400 e seguintes.

16 Principais regras seguidas na transcrição: (a) desabreviámos as palavras do original, sem assinalar letras restituídas; (b) apenas se normalizou o uso de inicial maiúscula em nomes próprios ou na palavra Deus; (c) introduziu-se alguma pontuação, em ordem a permitir uma leitura mais clara do texto, assim como o hífen nalguns casos verbais; (d) reduziu-se a uma única consoante quando, no início das palavras, estas vinham escritas com letras duplas; (e) palavras entrelinhadas ou escritas à margem vêm transcritas dentro de < >; (f) dúvidas de leitura são assinaladas por (?) ou com remissão para nota de rodapé.

Oo meu feitor tira de mym a malliciosa sandice, a desrezoada perffia, ho trabalho no mall, auciosidade, ho muyto dormir, a preguiça, ho botamento do entindimento, a segueyra do coração, ho endureamento do sentimento, ho conrronpimento dos bóós custumes, a desobediencia do bem, a contradicòm do bóó comselho, o fallamento da lingua, o roubamento dos pobres, a força contra aquelles que mais pouco podem, ho doesto dos sem cullpa, ho esquecimento dos soditos, a braveza contra os da casa e a crueldade contra os servido<re>s. Oo meu Deus e minha saude rogo-te pelo teu amado filho que me des as obras da misericordia e os escudos da piedade e aver compaixom com os afflytos e acorrer aos // [Fl. 252v] mezquinhos e aos minguados consollar, os tristes confortar os chorosos rellevar, os dirribados recriar, os pobres quitar, aos devedores perdoar, aos que me errarom amar, os que me mall querem fazer boas obras a quem me fez maas, nem desprezar nemhuum homem mais honrra-lo, siguir os bóós, arredar-me dos maaos, abraçar as virtudes e lançar os pecados, aver paciencia nas cousas contrayras e guardar a boca, poer porta de çarramento aos meus beijos. E despreçar as cousas terreaaes e desejar as celestiaaes.

[2] Oo guarda meu fazedor muytas cousas te rogo e conheço que mereço muy poucas. E mizquinho de mym que nom tam soamente nom me debes dar os beens que te peço mais debes-me da dar muytos e singulares tormentos empero me offereçam e consollam os pubricos pecadores. E aas maas molheres e os ladrões, os quaaes subpitamente som livres das queixadas do ymygo e som recebidos no seo do pastor. Tu Senhor que es Deus fazedor de todas as cousas empero que em todas as tuas obras es maravilhoso maas debes seer criudo no factio da piedade.

[O]vi de ty meesmo per huum teu servo que diseste as suas misericordias som sobre todas suas obras e assy como se fallases de cada huum do teu pobóó, conffiamos que diseste certamente a minha misericordia nunca arredarei dell. E porque nom despreças nem lanças fora nem avoreces nemhuum senom perventuira o sandeu que aa ty despreza parece que ainda que sejas yrado nom feres mais a aquelles que te assanham, se a demandarem logo lhes perdoas.

Oo meu Deus allteza da minha saude e meu recebedor, eu desaveinturado te assanhei, eu som aquell que mall fiz ante ty, eu a tua sanha fiz viir, eu mereci a tua yra, eu a requiri e tu a sofreste, falo e ainda me soportas. E se me pesa logo me perdoas, se me torno logo me recibes, demais enquanto eu nom venho, tu me asperas e encaminhas, o que erra, mudas em bem, o que aaos teus mandados contradiz aguardas, o tardinheiro acabas, aquell que se torna ensinas o que nom sabe, affagas o que chora, alevan // [Fl. 253] tas o que caae e depois da queeda o repayras, das-te aquell que te pede e aquell que te busca te acha, abres aquel que a ta <bate><sup>17</sup>.

---

17 "Bate" foi escrito sobre a palavra "vay", subpontada.

Oo senhor meu da minha saude que contradiga nom sey <sup>18</sup>nem como aja de responder e sem ty nom sey hu fuga porque tu nom demostras hu me esconda. Demostra-me o caminho de bem viver e deste-me sciencia em como eu ouvese de andar, ameaçaste-me com o fogo do inferno e prometeste a gloria do paraiso. Agora senhor padre das misericordias e Deus de toda comssollaçom, apremo as minhas carnes com o teu amor, em tall guisa que temendo, escape aquelle que ameaças e da-me allegria da tua saude pera amando aver de seer quinhoeiro de aquellas cousas que prometeste. O senhor minha forteleza. Oo Deus, Deus meu firmamento, minha guarda e meu livrador da-me a entender aquello que de ty cuyde e ensina-me per que pallavras te chame, e mostra-me per que obras te ey de plazer. Sey <sup>19</sup>verdadeiramente sey húa cousa por a quall tu es amansado e outra a quall tu nom desprezas que certamente ho spiritu contribullado he a ti sacrificio e recibes ho coração quebrantado e humilldosso. Per estes dôoes meu Deus e meu senhor e meu ajudador faze-me rico e per estes defyndimentos me guarda contra o emmiigo. Esta follgança me da contra as chamas dos pecados, faze-me senhor virtude da minha saude que nom seja eu do conto de aquelles que aas vezes crem e en no tempo da te[m]ptaçom desfalecem. Encubre senhor a minha cabeça no dia da batalha porque tu es mynha esperança no dia da affliçam, e minha saude no dia da tribulaçom. Paramentes senhor meu lume e mynha saude rogey-te por aquelas cousas que me cumpriam e declarey aquellas que temo mays remorde-me a consciencia e reprehendem-me os segredos de meu coração e aquello que ho amor da, ho temor ho destrue, ho desejo faz mudar o medo doesta e o maa caminho faz receo, mais a tua piedade da feuzo e a tua benynydade me esforça e a minha malldade me torva. // [Fl. 253v] E pera eu mais verdadeiramente fallar, veem aa mynha memoria fancias de pecados, as quaaes fazem mynguar ho esforço dos corações que a tua graça asperam.

[3] Ora meu senhor aquelle que mall fez com que fronte requiere a graça pois que he obrigado a pena, e com que sandice demanda gloria hu aquelle do quall se asconde he juiz e nom satisfazendo por o pecado quer seer muyto honrrado. Allevanta-se contra o rey e he merecedor de tormento o que roga que lhe dem ho galardom que ell nom merece. E o doce desejo do padre o filho sandeu o faz seer amargoso, o quall depois que ao padre faz muytas deshonnras husa da allteza da herdade como nom deve. Que bem fiz eu padre, de que me nembro, mereci morte e peço vida, assanhey o meu rey e eu som vergonça, chamo seu defendimento. Desprecey o juiz, o quall sandiamente demando que me ajude. Eu sobervo desprecey ouvir o padre, o qual outra vez presumo aver por tetor.

Ay de mym que tarde venho, ay, ay, que tarde me apresso, ay mezquinho que corro depois que som chagado e quando era são nom curey de me cavidar dos perigoos, nem curey de parar mentes as feridas e agora ey muy grande <sup>20</sup>cuidado da morte chegada.

Ajuntey chagas a chagas porque nom temy ajuntar pecados a pecados e por cullpa ennovada ronpi os soldamentos das mynhas feridas porque os erros passados dobrey

18 Riscado um “q”.

19 Subpontuou “que”.

20 Riscado “pecado”.

com as malldades de agora e aquellas cousas que a meezinha devynall solllara, resollve-a o meu sandeu desejo. E o coyro que era en cima das chagas, ascondera a enfermidade, e quando sayo a poçona apodreceo, porque a malldade dobrada embargou a mysericordia outorgada. Sey certamente que escripto he que em quall ora o justo pecar todas as suas justiças seram esquecidas. E se a justiça do justo que caae he avorecida quanto mais a do pecador que torna outra vez a pecar, quantas vezes torna ho cam ao nomyto, tantas vezes torney<sup>21</sup> eu aos pecados. Confesso-me que me nom pode nembrar quantos ensiney a pecar mortallmente que o nom sabia e quantos encaminhey a mall que dello nom avia // [Fl. 254] voontade e aquelles que contradiziam eu os constringy e aquelles que quiriam pecar consenty. E a quantos que sãamente andavom puge laços e aqueles que demandavam o caminho da saude fize cova e ho mallfazer nom avorrecy, e de me esquecer nom temy. Mais tu senhor, justo juiz que sabes os pecados assy como em sacco guardaste as minhas carreiras, e todos os meus passos contaste, qualaste e cousa nom diseste e malldiçom seia a mym poque outra vez torney aos pecados.

[4] O senhor Deus dos deuses que das gualardom ao que nom merece. Sey que te nom calaras sempre quando ante ty ardera ho fogo e de redor de ty veer a tenpestade muito forte quando chamares o ceo de cima e a terra que parem mentes sobre o teu pobóo e esguarda que ante tantos milheiros de poboos serom denuadas todas<sup>22</sup>as minhas malldades. E ante tantas companhas de angeos serom descubertos todos os meus pecados e nom tam soamente das obras, maas dos penssamentos e das falas ante tantos juizos estarei minguado. E quantos forom melhores que mym em boas obras, per tantos acusadores ey de seer condampnado e per quantos me derom exenpllo de bem viver, de tantas testemunhas ey de seer vencido, quantos per suas palavras me amostrarom que bem obrasse e me ensinarom que os seguise per boas obras. Senhor, ho meu coraçom nom me ensina que diga nem me acorre que responda e quando me nembro de meus maaos feytos esforço-me a consciencia e atormentam-me os segredos do coraçom. Aprensa-me a avareza e nom me leyxa a luxaria, acusa-me a soberva, conssume-me a enveja, ascende-me a cobiça, desonra-me a gargantuice, despreza-me a bevedice e ho malldizer me destrue, a cobiiça me engana, ho roubo me reprehende, a discordia me engana, a louvaminha me quebranta e ho favor me enlouquece, e ho deosto me punge. E meu livrador das gentes sanhosas, esguarda com quem vivi des ho dia da mynha nacença, em que cousas estudey e a quem aguardey fe e esses meesmos estudos em que andey e que amey me condapnavam e as cousas que louvey me doestam. Estes som os amigos com que folguey e os meestres a que // [Fl. 254v] obedeci e os senhores que servy e os conselheiros que tivy, e os cidadaãos com que morey, e os servydores a que consenty. Ay de mym rey meu e Deus meu, porque o meu descerramento he perlongado. Ay de mym, meu lume, porque morey com os que moram em Cedar e quando Davyd santo dise muyto quanto mais eu mezquinho posso dizer muyto desterrada foy a minha alma. E Deus meu firmamento nom

21 Repete e risca a palavra "torney".

22 Riscou "tas".

seera justificado ante ty todo aquell que vyve. A minha esperança nom he nos filhos dos homeens porque se tu jullgares sem piedade nom acharas justo e se nom proveeres ho maaom com misericordia nom ha<a> quem o faça bóó. Creio certamente mynha saude que a tua benynydade me trouxe a pendença. Da tua boca ouvy pallavras muy doces quando dizias nenhuum nom pode viinr a mym senom se o trouzer ho padre que me envyyou e portanto porque som ensinado e me enformaste de tam nobre emsino com todas as emtradanhas do meu coração e com todo esforço de mynha voontade, a ty padre todo poderoso com o teu muyto amado Filho e com o muy noblle spiritu sancto chamo que me tyres em tall maneyra que corra apos ty docemente com o odor dos teus ynguentos.

[5] [E]u te chamo Deus meu, eu te chamo porque acercaes a todos aquelles que te chamam em verdade e porque tu es verdade eu te demando por a tua sancta piedade que me ensines essa tua verdade que te chamo em ty porque nom sey como convynhavellmente se esto possa fazer mais eu te rogo muyto humilldosamente, oo verdade bemaventuyrada, que eu seia enssinado de ty perque o saber sem ty he engano e ho conhecer he nom acabado saber. Amostra-me devinall verdade e enssina<-me> a tua ley. Creio certamente que a quem tu a mostrares e da tua ley ensynares he bem aventurado. Desejo de te chamar e demando que se faça em verdade, que cousa he verdade chamar verdade senom em Deus filho ho padre. Porem sancto padre a tua pallavra he verdade porque o começo das tuas pallavras he verdade. Aqueste certamente he o começo das tuas pallavras, o quall no começo era verbo e em esse verbo de verdade te chamo. E perfecta verdade em a quall me encaminhas e ensinas em esa méésma verdade. Que cousa de verdade mais doce que rogar ho géérado em nome do geerado, inclinar // [Fl. 255] a piedade do padre por renembrancha do seu filho e amanssar a sanha do rey per devoçom de seu primogenito per esta guisa sooem os culpados séérem livres dos carceres e os aprissoados seerem livres das cadeas. E assy aqueles que recebem triste sentença da morte som livres per graça singullar quando os amados filhos demostram aos princepes yrados seu amor e sua voontade. Per esta guisa os servos que mall fazem escapam dos tormentos dos senhores quando por elles roga ho amor doce dos seus filhos. Assy padre todo poderoso por amor do teu filho te demando que tires do carcer a minha alma pera louvar o teu nome. E rogo-te por o teu quoeterno filho que me livres das cadeas dos pecados e em como assy seia que os meus propios merecimentos me ameaçam com sentença mortall amanssado, per rogo do teu muyto precioso filho que séé a tua destra me torna poera ajuda porque nom sey outro rogador que tem envii senom este que rogou por nossos pecados, o quall esta rogando a tua deestra por nos que es meu vogado ante ty, de que padre vees o meu grande sacerdote que nom ha mester de se alinpar per sangue alheo, o quall respplandece per seu proprio espargido sangue. Ves a ostia sancta que <te> muyto apllaz e perfecta ofericida e recebida em todos de manssidóoe. Ves o cordeiro sem magoa o quall nunca brradou ante aquelles que o trusquiavam o qual ferido de bofetadas, ençugentado de cospinhos, avylltado de doestos nom abrio a sua boca e pero nom fez pecado, levou<sup>23</sup> os nossos pecados e as nossas infirmitades deu sãas com a sua door.

[6] [P]aramentes padre piadoso que o teu filho padeceo por mym tam sem piedade. O rey misericordioso esguarda que padeceo o meu senhor. Perventuyra nom he este ho autor da vyda levado a matar assy com a ovelha, o quall senpre te foy obediente ataa a morte e nom temo soportar ho grave e mortall tormento. Oo hordenador de toda saude nembre-te que aqueste he aquell o quall <sup>24</sup>jeeraste per tua virtude empero quiseste que ouvese parte da mynha infirmitade verdadeiramente esta he a tua denniidade que vistio a nossa mizquinha homanidade que sobyo a cruz e com // [Fl. 255v] a carne nossa que tomou padeceo este tormento. Torna meu Deus os olhos da tua magestade sobre a obra da muyto grande piedade. Esguarda ho teu doce filho com o corpo estendido na cruz paramentes as mãaos sem pecado que lançam sangue pyedoso e assy contento perdoa os pecados que fezerom as mynhas mãaos. Consiira ho lado sem armas ferido de lança cruell, e renova-me com a sancta agua que creo que dell sayo. Vee os pees sem magoa que nom estiverom no caminho dos pecados mays senpre andarom na tua ley pregados com clavos muyto duros e acaba o meu andar nas tuas carreyras. O benyno faze-me avorecer todos os caminhos da malldade e tira de mym a carreyra dos pecados. Oo pyadoso faze-me escolher a estrada da verdade e rogo-te rey dos santos por este meu remiidor que me faças correr polla carreyra dos teus mandamentos, pera eu poder seer juntado aaquel per spiritu o qual nom avoreceo seer vystido da minha carne. E perventuyra nom esguardas padre piadoso a cabeça muyto preciosa do teu filho muito amado, com o collo abayxado e inclinado na morte. Esguarda muyto mansso criador e homanidade do teu amado filho e ave misericordia da fraqueza da tua feytura espllandeco o peyto muyto em vermelhece o lado emssangoentado, secam-se as tripas tendidas, os fremosos olhos adoecem, os beyços reaaes amarelecem, os blaços<sup>25</sup> noblles encangueecem, as pernas de marmor pendem, os pees escoricidos per honda de sangue som muy bem regados. Esguarda glorioso padre os membros desfeytos do filho e nembre-te oo benino que he da minha natureza. Consiira a pena de Deus homem e relleva per misericordia o homem que fezeste vee a pena do remiimento e perdoa o pecado do remiido. Este he senhor aquell que tu feristi por o pecado do pobóó. Enpero que seja aquell muyto amado no quall te muyto prougue aqueste aquell sem pecado em no quall emgano nunca foy achado, empero antre os maaos foy comtado.

[7] [Q]ue mall fezeste<sup>26</sup>muyto doce moço pera assy seeres julgado, que cometeste muyto amado mancebo pera assy seeres tractado que pecado foy o teu, que culpa a tua que razom de morte que razom da tua devaçom. Eu certamente factio // [Fl. 256] a chaga da tua door e cajom da culpa. Eu som mericimento da tua morte, eu som pecado da tua vingança, eu som door da tua payxom, eu som trabalho do teu tormento. Oo maravylhosa comdiçom de justiça, oo espantosa desposiçom de segredo de Deus pera o mááo e he ponydo o boom, fez mall o cullpado e he ferido o sem culpa, assanhou o cruell e he danado o pyadoso, aquelo que o maa mereceo padeceo o justo, e ho mall que faz o servo padeceo o senhor e o que he homem cometeo soporta-ho Deus. Oo filho de Deus vees onde descendeo

24 Letras riscadas.

25 No texto "blacos".

26 Palavra corrigida no texto.

a tua humilldade, honde deu odor a tua caridade, honde chegou a tua pyedade, onde husou a tua benynydade, onde veo a tua payxom. Eu certamente som aquelle que mall fiz e tu suportas a pena, eu consenty a malldade e tu es amansado per vingança, eu fiz o pecado e tu es sojeyto no tormento, eu <en>ssoberveci e tu es abayxado, eu engrossey per pecado e tu emmagrecestes por pena, eu foy desobediente e tu foste obediente e ho pecado da desobediencia tu o padeces, eu pereci per gargantoice e tu desfaleces com myngua, o arvor me arrebatou per cobiiça de synall e a ty trouxe aa cruz a perfecta caridade, eu presummy pera comer o que era defesso e tu suportaste o tormento, eu me deleyto em comer e tu padeces per fame, eu ey grande prazer nos carnaaes delectos e tu es trespassado com fortes clavos, eu gosto a dulcidõoe do pomo e tu gostas a amargura do fell, commigo toma grande prazer Eva e comtigo chora e padece Maria. Ves rey da gloria, vees a minha cruelldade e como he clara a tua piedade. Veas a minha enjustiça e como se demoistra a tua justiça. Demando-te meu rey e meu Deus que te darey heu por todas as cousas que me tu deste porque nom pode seer achada no coraçom do homem cousa que seja digna e comvinhavell aa taaes gallardõoes como estes nem ho entendimento humanall nom pode pensar cousa que seja comparada aa misericordia devynall e a natureza nom ha melhor officio que justamente pensar o acurrimento de reqriaçom. E senhor ha em esta tua maravilhosa desponssaçom cousa per a qual a minha fraqueza pode subjugar a carne se a vontade ponyda per tua visitaçom aatormentar e com ella os pecados e cobiiças e se esto por ty for outorgado // [Fl. 256v] a começa de te aver com payxom, porque a ty prougue de moreres por nos salvares do pecado. E assy por au<toria><sup>27</sup> do homem de dentro mandando-o tu seeras armado pera aver vytoria de fora em tal guisa que vencida a perseguiçom spiritual nom tema por o teu amor de se sojugar aa espada corporal. E assy a condiçom pequena se prouguer aa tua pyedade podera responder com todas suas forças aa grandeza da criaçom e he esta he a tua meezinha celestiall. E boom Jhesu este he booa meezinha muito do teu amor. Rogo-te por as antigas misericordias tuas que lances teu holeo sobre as minhas chagas, per a quall lançada fora a peçonha da bybora seja tornada aa primeyra saude e per a quall gostada a <dulcidam ... (?)><sup>28</sup> com todo desejo me faça despreçar as cousas delectosas do mundo e nom temer por ty cousa sua que seia contrayra e me faça senpre seer nembrado da tua nobreza per divinall e avorrecer os ventos daqueste amor que trespassa, demando-te senhor que sem ty<sup>29</sup> nom me seia cousa doce nem plazivell nem preciosa, cousa nobre sem ty nom me alegre e rogo-te que sem ty totalas cousas me pareçom viis e todas as cousas me desplazam. E aquelo que a ty he contrayro seia a mym avorecivell e seia-me pllazivell o teu desejar que nunca desfalece. Anoge-me viver pllazer sem ty e delecte-me aver tristura por ty. O teu nome me seia fartura e a memoria tua me seia consolaçom. E as minhas lagrimas me seiam pãaes de dia e de noyte buscando as tuas justiças. A ley da tua boca seia a mym sobre milheiros de ouro e de plata. Obedecer a ty me seia amavyll e o desobedeecer me seia avorecivell, rogo-te mynha esperança por

27 Corrigiu de “autoridade”.

28 Traçado “duldãoe”.

29 Repetiu e traço “que sem ty”.

todas as tuas pyedades que ajas merce a todas as minhas crueldades e abre as minhas orelhas aos teus mandados. E rogo-te por o teu santo nome que nom leyxes inclinar o meu coração em palavras de malicia pera dar minhas escusações em pecados. Mays demando por a tua maravilhosa humanydade que nom venha a mym o péé da soberva e a mão do pecador nom me mova.

Esguarda Deus todo poderoso padre do meu senhor e benyno // [Fl. 257] hordena como te amercees de mym porque toda cousa que achey mays preciosa devotamente ta ofereci e toda cousa que achey mais amada humyldosamente<sup>30</sup> tha apresentey, nom me fica cousa que nom possesse ante a tua magestade. Ja nom ser mais que ennhado porque toda mynha asperança pugy em ty. Envvey por vogado o teu filho muyto amado e envvey o teu glorioso filho que fose medianeyro antre mym e ty. Envvey certamente rogador per o quall confyo de aver perdoança, envvey o teu fylho o qual avyas prometido aos santos e te contey os tormentos do teu muyto santo filho, os quaes eu creo que ell padeceo por mym. Eu creo que a denidade que tu envyaste tomou a minha humanidade na quall hordenou soportar madeiro, bofetadas e cadeas, cospinhos, escarnicimentos e demais cruz, cllavos e lança. Aquesta em outro tempo foy quebrantada per choros de menynyce e apertada com panos de mocidade e atribulada com suores de mancebya, emmagrentada com jejuuns e aflyta com vygílias, cansada per caminhos e demays atormentada com açoutes, aberta com tormentos e tentada com os mortos. Mais enrequeentou ha gloria da resureyçom e trouve-a aos prazeres dos ceeos, e na deestra da tua alteza ha asentou e per esta te pague de te amerceares de mym. Aquy paramentes padre pyadoso que filho geeraste e que servo remiisti. Aqui esguarda he escripto e nom despreces a escriptura, abraça alegremente o pastor e recebe misericordiosamente a ovelha levada nos seus propios honbros. Este he esse muy fiel pastor, a qual que per desvayradas doores foy buscar a ovelha que em outro tempo andava errada per as altezas dos montes e per as bayxezas dos vales. E aquella ovelha em como quer que ja morrese e per longos descerramentos desfalecese, empero na tua voontade as prazer se se pôoe ho postar com grande esforço de caridade e que nom desfalece pera a tyrar do abyso da confussom e recebida com abraços pyedosos torna aas noveenta e nove aquella húa que perecera. Paramentes senhor meu rey, Deus todo poderoso, vees o pastor boom te da aquello que lhe encomendaste e segundo tua desposiçom tomou encarrego pera salvar o homem o quall se tornou amor. Rogo-te por as antigas misericordias tuas que lances teu oleo sobre as minhas chagas per // [Fl. 257v] quita de toda macella. Esguarda que o teu muyto amado filho reconcilyou contigo a tua feytura, a quall se partira muyto longe de ty. Esguarda que ho pastor reforma a tua manada, e que ho ladrom forçoso roubara, trouxe aos teus esguardamentos, a quall a sua consciencia fezera fazer em tal maneyra que aquel que per sy mereção peendença per aquesto feytor mereça perdoança. E aquell que per suas culpas aspera o fogo do inferno per tam noble guyador confya de seer chamado aa gloria do parayso. E padre pode mym asanhar mays nom pode per mym amanssar feyto he meu andador, Deus meu teu muyto amado filho, o qual tem parte da mynha humanidade em tall guysa que donde vehera ho talam da

---

30 No texto: "hu humyldosamente".

sanha que daly vehese ho sacrificio do louvor e per esta maneyra me tornase plazivell a tua piedade a qual see aa tua deestera e se demostra que senpre he conpanheyra da mynha sustancia, vees a minha esperanza, vees toda mynha feuzo. Se me despreçaes por minha maldade, assy como he de razom, enpero paramentes de te amerceares por amor do teu amado filho. Esguarda en no fylho pera te amerceares do servo, vee o sacramento do seu corpo e perdoas a culpa da nossa carne. <Quantas vezes te demostram as chaguas do teu bemaventurado filho, tantas vezes te rogo que seiam perdoados os meus pecados.> Quantas vezes envermelhece ho precioso sangue do lado pyadoso tantas vezes te rogo que se tirem as mazelas da mynha cujãe. E porque te a carne inclina, peço-te meezinha pera sy como me a carne enganou pera a culpa que a carne enganou pera a culpa [sic] que a carne me traga a perdoança, porque muyto he o que merece a mynha maldade mays muyto mayor he o que per deryto demanda a piedade do noso remiidor. Grande certamente he a mynha injustiça, mays muyto mayor he a justiça do remiidor porque quanto Deus he mais alto que ho homem tanto a minha malicia he mais baixa que a sua bondade em calydade e cantidade. Que mal fez o homem que sesse tornar a Deus que o seu filho feyto homem ho nom possa remiir. Que soberva se podia tanto alevantar, a qual tanta humyldade nom podese abayxar. Que cousa tam sem pi[e]dade seeria aaxo de morte que ho tormento da morte do filho de Deus nom destruyse. Nom he maravilha meu Deus que os pecados do homem pecador seiam livres yualmente per graça do senhor remiidor. Nom tanto he arredado ho ouriente do ocidente quanto a criatura // [Fl. 258] he mais bayxa que ho muyto alto feyto. Ja muyto nobre criador da luz ja perdoas as minhas culpas por os trabalhos muyto grandes do teu amado filho. Ja senhor demando que a minha cruellidade por a sua piedade, a minha maldade por a sua tenperaçom, a mynha sanha por a sua mansydooe seia abaixada. Ja a sua humyldade, a mynha soberva, a sua paciencia, mynha inpaciencia, a sua dulcidooe, mynha dureza, a sua obediencia, minha desobediencia, a sua folgança, o meu maa trabalho, a sua benynidade, a minha yra e a sua caridade torne em melhor a mynha crueldade.

[8] O santa comunicaçom do devynall amor e da magestade do padre todo poderoso e do muyto bem aventurado fylho e spiritu sancto nosso vogado e muyto piedoso consolador dos tristes vem per virtude poderosa aas entranhas do meu coraçom. E piedoso morador faze ledos quaaesquer logares escondidos et trevosos da casa despreçada per a craridade do lume esplandecente e por a avondança do teu orvalho faze crecer as cousas secas per longa queentura. Fire os segredos do homem de dentro com ho dardado do teu amor e trespassado aas entranhas do meus estamago frio, com chamas de saude ho acende e farta. Iluminado com ho fogo do santo fervor. A todas as cousas do corpo e da vontade. Da-me de beber do ryo da tua delectaçom em tal guysa que jamais nom me plaza de gostar da dolcidooe peçoenta das cousas do mundo. Julga-me da gente nom santa e paramentes na minha rezom. Emsina-me fazer tua vontade porque tu es meu Deus. Porque eu creio que aquel em que tu morares, a casa do seu coraçom sera morada do padre e do filho e merecera, oo Deus, que tu seias seu ospede porque por ty o padre e ho filho com ell faram morada. Vem ja, vem, oo benygo comssolador da alma triste deserdade, nas necesidades

e amdador na tribulaçom. Vem forteleza dos fracos alevantador dos que caaem. Vem douctor dos humildosos, destruydor dos sobervos. Vem padre dos orfãos, piedoso, doce juiz das viuvas. Vem esperança dos pobres, manteedor dos que desfalecem. Vem estrella dos marinheiros, porto dos perigoos do mar. Vem singular fremusura de todos // [Fl. 258v] os que vivem hũa saude dos que morrem. Vem sanctissimo spiritu, vem e amercea-te de mym, faze-me merecedor de ty e convinavel a ty. E piedoso descende a mim pera a minha bayxeza aa tua grandeza e a minha fraqueza aa tua forteleza seia plazivel segundo a multidõe das tuas misericordias.

[9] [S]ey eu senhor, sey e confesso que nom soom digno que tu me ames. Mais certamente tu nom es nom digno que eu te ame. Nom digno certamente soom de te servir, maes tu nom es nom digno do serviço da criatura. Demostra-me senhor donde es tu digno e seerey eu digno honde honde [*sic*] eu nom som digno, faze como quiseses cesar de pecados, pera eu guardar e reger e fiinr a mynha vyda que <eu> dorma e folgue en ty e da-me em fim de todo que me thome ho sono com folgança e a folgança com segurança e a segurança pera todo senpre.

[10] [T]y padre nom geerado, ty fylho huum geerado, ty spiritu sancto consollador em santa sem devisor triidade de todo coraçom e boca te confessamos, louvamos e benzemos, a ti gloria pera todo senpre, amen. E muyto alta triidade hũa virtude nom departida magistade, Deus padre, Deus todo poderoso, eu te confesso derradeiro<sup>31</sup> dos teus servos e pequenininho membro da tua egreja. Confeso-te e honrro com digno sacrificio de louvor por o saber e poder que te prougue de dares a mym tam pequeno. E porque os dõoes que me deste de fora me desfalecem pera poder oferecer os votos do louvor que ouve do dom da misericordia tua, ves que de muy boamente e alegre tos ofereço de fe nom fingida e de consciencia linpa. E porem rey do ceo e senhor da terra, de todo coraçom e de boca te confeso padre e filho e spiritu sancto, tres em pessoas e huum em sustancia, verdadeyro Deus padre todo poderoso de hũa natureza e synplez incorporea, envisivel e sem comprehendimento. Nom ha hy cousa mayor que ty nem menor que aa cousa mayor que ty. Sobre toda maneyra es perfecto, sem myngua, sem cantidade grande, sem acidente boom, sem tempo, es eternall sem morte, vyda sem emfirmidade, forte sem mentira, verdade sem sytu em todo lugar presente e sem logar todo presente. E sem // [Fl. 259] estendimento compres todas as cousas sem contradiçom acorres sem movimento transcedes, sem estado todas as cousas dentro trespassadas e em elas ficas sem teu mester. Crias todas as cousas e sem trabalho as reges. Sem tu averes começo, das começo a todas as cousas sem movimento todas as cousas fazees mudaviis. Sem grandeza es emfiyndo, em virtude todo poderoso, em boondade muyto alto, em sabedoria maravilhoso, em conselhos muyto honrrado, em juizos muyto justo, em pensamentos de muyto grande segredo, em pallavras verdadeyro, em as obras sancto e em nas misericordias muyto abastoso. Contra os maaos muyto paciente e contra os boons muyto piedoso. Senpre es ese meesimo, eterno e

---

31 No original: "derradedeyro".

sempiterno, nom mortal e nom mundanyll, o qual os espaços nom alargam, nem ho logar pequeno aperta, nem a voontade desvayra, nem alteraçom conrompe, nem as cousas tristes torvam, nem as alegres affaagan. Nem tolhe ho esquecimento, nem a memoria torva, nem as preteritas passam, nem as futuras som por viinr. Ao quall a nacença nom he começo nem os tenpos acrecentamento nem o poymento dara fim. Mais antes dos segres e nos segres vives pera todo senpre e he a ty louvor perduravyll e eterna gloria. Infyndo poderio e singular honrra, reyno perpetuu e inperio sem fim per infiindos e sem falecimento e emmortâes segres dos segres amen.

[11] [V]erdadeyro Deus todo poderoso, escoldrinhador e esguardador do meu coração confessey o poderio da tua magestade e a magestade do teu poderio mais agora em que maneyra te prouge de acorreres aa geeraçom humanal em fim dos segres como o creio per coração e per a justiça. Assy ante ty confesso per boca pera a saude.

Tu certamente, Deus padre, tam soamente, Deus sóó em nemhuum tempo, nem em logar as leudo seeres envyado. Mais do teu filho assy escreve ho apostollo quando certamente veo o comprimento do tempo envyio Deus ho seu filho emquanto diz envyio asaz demostra que foy envyado em este mundo e em quanto diz de Maria senpre virgem naceo em carne. Mais que cousa he aquello que principal dos evangelistas diz no mundo era e ho mundo he factio per ell ally nemhuum homem he em // [Fl. 259v] vyado per humanidade hu senpre foy e he per deviindade, a quall convem a saber envyada de todo coração e per boa confesso que obra de toda trindade. Como nos amaste, pyedoso feytor, que certamente ao teu filho proprio nom perdoaste mais por nos pecadores ho deste sojeyto te foy ataa a morte de cruz e tomou a carta dos nossos pecados e pregou-a na cruz. Crucificou o pecado e matou a morte e ell soo foy livre antre os mortos, avendo poderio de poer a sua alma e de a tomar outra vez. Em que parece que foy vencedor por nos, porque ell foy sacerdote e sacrificio a ty por nos. E pero, nom sem rezom, asperança forte me he em ell porque todas as doores saaras por aquell que séé aa tua destra e roga por nos. Certamente senhor meu as dóóres grandes som e muytas porque o princepe de aqueste mundo muytas cousas ha em mym. Maas rogo-te que me livres por o nosso remiidor, que séé a tua destra em o qual nom pode achar cousa que fosse sua por a quall me fez vivo, que pecado nom fez, nem he achado engano na sua boca, o qual he nosa cabeça em o qual nom ha magoa nemhúa. Livra-me senhor que soom seu membro ainda que seia muyto pequeno. Peço-te que me livres dos pecados e culpas e mynguas minhas. Compre-me das tuas virtudes santas e faze-me chegar aos boons costumes e per o teu sancto nome faze-me perseverar ataa fim nas sanctas obras segundo for tua voontade.

[12] [D]esperar certamente podera heu por os meus grandes pecados e infiindas minhas mynguas, se o teu verbo Deus nom fora factio carne e mora em nos. Mais desasperar ja nom ouso porque em como assy fosemos teus emmiigos somos reconciliados per morte de teu filho quanto mais agora que somos factos salvos per elle porque toda asperança e certydóoe de toda feuzo me he em no precioso seu sangue, o qual he aspargido per nos e por nossa saude. E em el outra vez espero e em ell confiando desejo de viinr a ty nom

avendo esforço na minha justiça mais em aquella que he do teu filho nosso senhor Jhesu Christo. Honde graças damos a ty Deus muyto piedoso e muyto benigno amador dos homeens que per Jhesu Christo teu filho // [Fl. 260] nosso senhor seendo perdido per nossa culpa maravilhosamente nos ganhase. Grande es aa tua piedade e muytas graças te dou com todas as entradanhos do meu coração porque per o teu grande amor que se nom pode conptar per o qual nos mezquinhos e nom merecedores de tanto bem por tua bondade maravilhosa te prougue de nos amar. Enviaste hum teu geerado filho do teu seo ao nosso publico proveyto salvar a nos pecadores que entom erramos filhos da perdiçom. Graças dou a ty por sua sancta emcarnaçom e sua nacença e por a gloriosa sua madre da qual a ell prougue tomar carne por nos e por nossa saude pera sy como era de verdadeiro de Deus assy verdadeiro homem de homem. Graças te dou por a sua paixom e cruz por a sua morte e resureeçom por a sua ascensoçom a certo tempo. E por a seeda da sua magestade aatua. Porque ella os correnta dias da sua resureeçom véendo os discipulos sobio sobre todos os ceos e seendo aa tua destra ho spirituo sancto segundo que avia prometido espargeo sobre os filhos da graça. Graças te faço por aquell muyto santo espargimento do seu sangue por o qual somos remiidos e eso meesmo por o muyto sancto e vivificado ministerio do seu corpo e do seu sangue. Do qual em cada huum dia na egreja comemos e bevemos e somos lavados e santificados e somos quinhoeiros de húa infiinda deviindade. Graças te dou por esta maravilhosa e sem conta caridade, por a qual nos assy sem merecimento nos amaste e salvaste per huum teu muyto amado filho porque assy amaste ho mundo que deste huum teu geerado per todo aquell que em el creer nom pereça mais aia vida pera senpre. E esto pera conhecerem ty Deus verdadeiro e aquell que enviaste Jhesu Christo per fe direita e per obras respondentes aa fee.

[13] O piedade muyto grande. Oo caridade e amor que spe nom pode pensar pera livrares ho servo deste o filho. Deus he fecto homem pera ho homem perdido seer livre do poder do diabo, o qual piedoso amador dos homeens ho teu filho Deus nosso ao qual nom pareceo muyto que se abaixase pera seer // [Fl. 260v] homem de verdadeira virgem nem padecer tormento de cruz espargendo ho seu sangue por nos e por nossa saude. Veo o piedoso Deus e veo por sua bondade, veo demandar e fazer salvo aquelo que perecera, e demandou a ovelha perdida, demandou-a e achou-a e levou-a em seus onbros ao curral. Oo caridade e piedade grande quem ouvvyo dizer nunca táés cousas, quem se nom alegrara sobre tantas obras de misericordia. Por a tua grande caridade com a qual nos amaste enviaste o teu filho em semelhança de carne de pecado pera com semelhança de pecado dampnar o pecado pera nos seermos fectos justiça tua em ele porque elle he certamente cordeiro sem magoa que lançou fora os pecados do mundo, o qual morendo destruyto a nossa morte e resurgindo renovou a vyda. Mais que te podemos dar Deus nosso por tantos beneficios da tua misericordia que louvores e que graças. E se em nos fosse aquella sciencia e poderia dos angeos bemaventurados enpero nom te poderiamos reconpensar cousa que fosse a tanta como a tua piedade e bondade. Mais certamente se todos os nossos membros fosse

tornados em linguas a nossa myngua nunca abast<aria><sup>32</sup>pera te dar louvores quaaes devia porque sobrepoia toda sciencia a tua caridade grande, a qual per a tua piedade e bondade mostraste a nos que nom eramos merecedores. Certamente o teu filho Deus nosso nom tomou angeo mais semente de Abraão semelhavell a nos em todas as cousas afora pecado e certo tomando a natureza humanal e nom angelical glorificando per vistidura nom mortal de santa resurecçom veo sobre todos os ceos sobre as conpanhas dos angeos, sobre cherubim e seraphim e aseento-a aa tua destra. Aquesta certamente louvam os angeos, adoram os senhorios e todas as virtudes dos ceos, tremem quando veem Deus e homem. Esta certamente he toda minha esperança e toda minha fuza porque em ese tempo meu senhor he parte de cada huum de nos convem a saber carne e sangue. Pois que assy he hu regna a mynha parte creo que eu de reinar e hu he senhor, ho meu sangue aly aspero eu que me ey de asenhorar e hu a minha carne he glorificada, aly conhoço eu que ey de seer glorioso. Enpero que // [Fl. 261] seja pecador nom dessconfio de aquesta <distribuiçom> da graça. E se os meus pecados os torvam a minha sustancia que em ele he o require. E se os proprios erros me lançam fora a conhocença da natureza que em elle ey nom me torva porque o senhor nom he tam bravo que lhe esqueça ho homem e que se nom nembre da nossa forma que el traz e que aquela que ele tomou por mym que ha nom requiera por mym. Mansso certamente he ho nosso senhor Deus e ama a sua carne e os seus membros e as suas entranhas. Em esse Deus e senhor a huum Christo muito doce e muito benigno e muyto piedoso ja resurgemos e ja sobimos aos ceos e ja em nos ceos séemos, e a nossa carne nos ama e certamente avemos graça especiall do nosso sangue que em ele somos seus membros e sua carne e el he nossa cabeça da qual he todo ho corpo assy como he escripto. Osso dos meus ossos e carne da minha carne e serom dous em hũa carne. Certamente nunca nemhuum homem ouve hodio aa sua carne mais cria-a e ama. Aqueste misterio maais ho digo heu em Christo e em na igreja e segundo diz ho apostollo.

[14] Porem dou eu a ty graças de boca e de coração e com toda a vertude que eu ey e a tua infiinda misericordia, senhor nosso Deus, por todos os amerceamentos per os quaes maravilhosamente a nos perdidos te prougue de acorreres e per este méésmo teu filho salvador nosso e repairador, o qual moreo por nossos pecados e ressurgio pera nos fazer justos. Que agora vivendo sem fim séé aa tua deestra e roga por nos e juntamente contigo se compeça porque Deus he de ty padre quoeternal e comsustancial a ty pera todo senpre por a qual rezom nos pode senpre salvar. Mais enquanto homem he da qual parte he meor que ey he-lhe dado poderio na terra pera nome de Jhesus todo ge<o>lho (?) das cousas celestiães, terreáaes e dos infernos seerem abayxadas. E toda lingua confesse que o nosso senhor Jhesu Christo he na tua gloria. Oo Deus padre todo poderoso elle he por ty todo hordenado juiz dos vivos e dos mortos e tu nom jullgas alguum mais doto, o juizo deste ao teu filho em cujo pecto som encarnados todos os thesouros da sciencia e sabedoria e el ho testemunha e juiz testemunha a qual se nom pode esconder algũa consciencia pecador

32 Corrigido no original de “abastia”.

porque todas as cousas som novas e abertas a ell. E el certo que emjustamente foy julgado julgara a terra // [Fl. 261v] em ygaldeza e os poboos em justiça. E portanto beenze o teu nome pera todo senpre e glorifico a ty de todo meu coração. Senhor misericordioso e todo poderoso por aquele ajuntamento maravilhoso que se nom pode contar da diviindade e da humanidade em humandade da persoa e nom fosse huum Deus e outro homem mais esse Deus meesmo fose homem e fosse Deus. Mais enpero que per maravilhosa obra da tua bondade ho verbo fose feyto carne. Cada huma das naturezas duas nom he mudada em sustancia da outra per misterio da trindade. Certamente a sustancia do verbo de Deus e do homem nom huma quarta perssoa nom confusa por aquele que fora tomado de nos, nom foy tomado pera seer facta aa sustancia de Deus, e aquelo que nunca fora vehese a seer aquelo que senpre he. Oo maravilhoso misterio. O<o> mercadoria que se nom pode tomar. Oo maravilhosa benindade de amerceamento e senpre digna de seer maravilhosa nom somos dignos de seermos servos e agora somos feytos filhos de Deus herdeiros certamente de Deus mais quinhoheiros com Christo donde nos veo esto e como vehemos nos a esto. Mais rogo-te muyto piedoso padre pera aquesta piedade e bondades que nom pode séer pensada e por a tua caridade que nos façás merecedores dos muytos e grandes prometimentos do teu filho nosso senhor Jhesus Christo. Manda a tua virtude e confirma aquelo que as obrado em nos. Acaba aquelo que começaste pera merecermos de viinrmos a cumprida graça da tua piedade e faze-nos entender por o spiritu sancto como te sempre dignamente devem os honrrar. Que aqeste he grande misterio de piedade porque aquelo que he claro em na carne justificado he no spiritu. Apareceo ho angeo preegado he aas gentes e dicto he no mundo tomado he na gloria.

[15] [Q]quanto te somos devedores, senhor Deus nosso, remiidos, por tanto bastante preço salvos por teu grande dom ajudados per tam glorioso beneficio. Oo quanto debes de seer temido de nos mezquinhos e amado e benzido, honrrado e glorificado que nos assy amaste a ty certamente senhor devemos toda cousa que avemos quanto vivemos e quanto sabemos. Mais quem ha cousa que nom seia tua certamente nenhuum. Tu senhor Deus nosso do quall todos os beens procedem por ty e por teu santo nome // [Fl. 262] da-nos dos teus béés pera te servirmos com elles e com os teus dōoes e te aplazermos em verdade. E pera te darmos de cada dia louvores devydos por tantos beneficios da tua misericordia porque nom presumimos de te plazer nem de te servirmos com outra cousa senom aquelo que nos das. Todo dado muyto nobre e todo dom perfecto de cima he e descende do padre dos lumes, ho qual nom ha trasmudaçom nem assonbramento desvairados. Senhor Deus nosso Deus, piedoso Deus, boom Deus, todo poderoso Deus, que se nom pode fallar e de natureza infinda, estabelecador de todas as cousas. E padre do nosso senhor Jhesus Christo o qual ese meesmo teu filho muyto amado enviaste do teu seo pera proveyto de nos outros todos. Tomou a nossa vyda pera nos dar a sua e seer perfecto homem de madre todo Deus e todo homem e huum certamente Christo eterno e tenporal e nom mortal. Criado e criado forte enfermo manteedor e mantheudo, pastor e ovelha, morto temporalmente e vyve comtigo pera todo senpre e prometedo aos seus amados ho galardom da vyda disse que toda cousa que toda cousa [sic] que demandares ao

padre em meu nome seer-te-ha dado. Per ese sacerdote e verdadeiro bispo e boom pastor que se offereceo a ti em sacrificio poendo a sua allma por as suas ovelhas.

Assy pois que assy he rege per ese remiidor e nosso vogado que see aa tua destra e roga por nos. Humildosamente peço aa tua piedade e bondade. Oo muyto piedoso amator dos homeens que outorgues de te benzer e glorificar em todas as cousas come se meesmo teu filho e com o spiritu sancto. E esto com muyta contriçom de coração e com fontes de lagrimas. Com muyta reverencia e tremor porque huum he ho dado daqueles que ham huma sustancia. Mais porque ho corpo que he conrronpido agrava a alma, peço-te que aspertes a minha priguíça com os teus aguilhões e faze-me perseverar fortemente de dia e de noyte nos teus preceptos e nos teus louvores. Da-me senhor que se esqueente o meu coração em mym e nom en pensamento se ascenda o fogo, porque o huum teu filho dise nem vem a mim senom se o trouver o padre que a mym enviaste e nemhuum nom vem ao pai senom per mym. Eu te peço e humildosamente te rogo que me tires senpre pera el e el finalmente me leve pera sy ally hu elle he e see aa tua deestra hu he vida pera todo senpre e pera senpre bem aventurada hu he amor perfeyto // [Fl. 262v] e temor nemhuum hu he Deus perduravel e huum espirito de ti e hu he muyto grande e alta segurança e a segura folgança e solar da alegre guya e alegre bemaventurança e triindade e eternal bem aventurança e bem abemturada visom e louvor sem fim hu tu com el e el comtigo na comunhom do sancto spririto eternalmente e pera todo senpre vives e regnas Deus per todos os segres dos segres amem.

[16] [Christ]o minha asperança Deus de todas as cousas tu es Deus amator, luz, carreira, vyda, saude, paz e toda honrra dos teus por a saude dos quaaes te prougue de padecer todas estas cousas, scilicet, carne, cadeas, cruz, chaga, morte, sopultura. Daly a morte vencida depois de tres dias resurgindo vystio dos discipulus reformando os coraçãoes mudados aos quoreenta dias, tu foste pera as alturas dos ceos e vives e regnas pera todo senpre. Tu es Deus vyvo e verdadeiro meu santo padre, meu piedoso senhor, meu grande rey, meu boom pastor, meu boom mestre, meu ajudador muito boom, meu amado muito fremoso, meu pam vivo, meu sacerdote pera senpre, meu guyados [sic] pera a gloria do parayso, minha luz verdadeira, minha dulcidõe sancta, minha carreira direita, minha sabedoria muito clara, minha concordia pacifica, minha guarda muito segura, razom minha muito boa, saude mynha perduravyll, minha misericordia grande, minha paciencia muito forte, meu sacrificio sem mazela, minha redençom, minha sancta asperança firme, minha caridade perfecta, minha resureiçom verdadeira, minha vida perduravyl pera senpre, mynha alegria e vysom muito bem aventurada que ha-de ficar sem fim.

A ty peço humildosamente rogo que eu ande per ty, venha a ty, folgue em ty que es verdadeira verdade e vyda sem a qual nemhuum veo ao padre. A ty certamente desejo muyto doce e muyto fremoso senhor. Oo esplendor da gloria do padre que sees sobre cherubim e esguardas os avyssonos, lume verdadeiro, lume ylluminante, lume que nom desfalece em o qual desejam esguardar os angeos. E o meu coração he ante ty, lança del as suas treevas pera com a caridade do teu amor seer espergido mais cumpridamente.

Oo senhor Deus meu da tu a mym e torna-te a mym, eu certamente amo e se pouco he ho amor melhor nom posso. Cora minha vyda em teus abraços nem torne aca que seia ascondida no ascondimento // [Fl. 263] do teu rostro. Empero senhor esto sey que mal me vay a mym sem ty nom som fora de mym mais dentro em mym méésmo e toda abastança que Deus meu nom he he [sic] em mym misquindade e myngua. Certamente aquell bem que se nom pode mudar em melhor nem em peor tu sóó es ao quall nom he outra cousa viver que seer. Toda cousa que vive bem aventuradamente nom vive senom da tua graça e portanto nos avemos mester ty e tu nom as mester a nos porque ainda que nom fossemos nunca desfaleceria cousa aaquele bem que tu es. A ty certamente nosso senhor Deus he necesario de nos senpre achegarmos pera com ho continuado ajudoiro da tua santa graça dereitamente e piedosamente possamos viver. Certamente do pesume da nossa fraqueza somos abaixados mais com o teu dom somos alevantados e levados acima. Ardemos de dentro e ymos e fazemos alevantamentos no coração e cantamos ho cantigo graao. Com ho teu boom fogo ardemos e himos. Porque acima ymos aa paz de Jerusalem porque alegre soom em aquelas cousas que me diserom convem a saber que hiremos aa casa do senhor. Ally me deu lugar a bõoa voontade e nom quiria outra cousa senom ficar aly pera todo senpre mais porque entanto somos nos corpos andamos alongados de ty senhor, nom téemos aqui cidade em que moremos, mais demandamos aquela que ha de viinr de nossa morada nos ceeos. He senhor e portanto gyando-me aa tua graça entro na camara do meu coração e gemendo gemidos que se nom podem contar em logar de meu est<e>rramento hu as tuas justificações devem seer louvadas de mym e recordar-me Jerussalem. Bradey acima com o coração, Jherusalem, minha terra, Jesusalem minha madre. E a ty que es sobre ella regrador e alumiador padre e tetor e padroeiro rogo-te castos e fartos delectos e firme prazer e todos os beens que se nom podem contar e todas as cousas em hum muito grande e verdadeiro bem e nom sey tornado ataa que tolhas todo em sua paz nas moradas da muyto amada hu som as primicias do meu spiritu pera que sem este espalhamento e fealdade dirmes pera todo senpre meu Deus e minha misericordia.

[ ... ]